

## “FERIDAS

### Da POSSIBILIDADE”: HORIZONTE COMPARATISTA

Helena Carvalhão Buescu  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Ponto prévio, em modo de *captatio benevolentiae*: as “questões e perspectivas” que estou preparada para aqui enunciar, relativamente à Literatura Comparada, dizem-me mais respeito a mim do que, tanto quanto sei, ao século XXI. Espero que me relevem esta falta, se falta for, mas com toda a franqueza foi a única maneira de conseguir enfrentar um título (“Literatura Comparada no Século XXI: questões e perspectivas”) que, de outra forma, eu perseguiria ao mesmo tempo que suspeitando, creio que com razão, ser no fundo inatingível. Se me for possível pensar-me, através deste meu texto, face a um estado da arte dentro da qual me posiciono, então devo dizer que me julgarei já como bastante feliz – e este encontro ter-me-á permitido fazer uma das sínteses parciais que, justamente quando podemos ser felizes, conseguimos fazer. Esta minha reflexão procederá, além disso, por pontos que delimitarão alguns dos campos mais urgentes da minha reflexão. Isso significa que não tenho qualquer pretensão de exaustividade, mas apenas de circunscrever os nós dentro dos quais as minhas preocupações no inteiror da comparatística se encontram com mais frequência. Como espero deixar claro, não julgo vir a desfazer esses nós: tão-só iluminá-los, o que já não será pouco.

>>

1. Sob o modo de “diagnóstico” (isto é, analisando um conjunto sintomatológico), Gumbrecht<sup>1</sup> detecta um tom convergente no conjunto de ensaios que, em 2001, reúne vinte e três respostas à pergunta que, como “co-editor” com Walter

Moser, dirigiu a outros tantos colegas: "The Future of Literary Studies?". Esse tom é o da *dysphoria*, um distinto mal-estar (aliás relativizado por Moser, no seu contributo) que Gumbrecht caracteriza como o de alguém que, mesmo não sendo completamente pessimista, se encontra pouco à-vontade ("at odds") com a sua disciplina (Gumbrecht, 2001: 14). Curiosamente, Gumbrecht faz coincidir este sentimento disfórico com um outro elemento que pareceria não lhe estar associado: a forma como a pulverização dos sub-campos disciplinares, que produziram "bolsas intelectuais específicas" (*ibidem*), desperta nos seus proponentes o sentimento de que cada um deles "*devia* ocupar o espaço integral dos Estudos Literários" (*ibidem*).

É desta curiosa associação entre um mal-estar de contornos algo cepticistas e uma paradoxal afirmação institucional e académica, de carácter pelo menos proto-expansionista, no diagnóstico a meu ver certo de Gumbrecht, que eu gostaria de partir hoje, para de algum modo os relativizar, ao mesmo tempo que os coloco no meu horizonte.

Em primeiro lugar, vou (creio que não ingenuamente) tomar como adquirida uma certa forma mitigada desse mal-estar que, ao designar como "crítico", simultaneamente esvaio de consequências teleológicas e afirmo como constitutivo do campo (e, porque já argumentei esta posição em outro lugar<sup>2</sup>, dispenso-me de sobre ela expender ulteriores considerações). Em segundo lugar, e porque aceito que algum mal-estar acompanha a consciência da experiência literária que nos habituámos a designar como Estudos Literários, ele não me surge como impeditivo e ainda menos totalmente aporético: antes pelo contrário, dele deriva uma *vontade de saber* a meu ver indistinta da experiência da literatura como experiência de leitura e experiência de vida. Sei já hoje que essa vontade de saber talvez seja, sobretudo (e não seja mais do que), a capacidade de integrar no meu horizonte os limites, as dúvidas e as movências que afectam o conhecimento. E, entretanto, é porque é sempre

possível *não desistir, e repetir o novo*, que afinal esse mal-estar se transforma em inquietação de partida, mais do que em angústia de chegada. Finalmente, em terceiro lugar, não pretendo propor a minha própria “bolsa intelectual específica” como solução *passepourtout* para os Estudos Literários: por um lado, porque não existem dessas “soluções” (aqui vem o espírito crítico...), muito menos *passepourtout*; por outro lado, porque não me interessa (e aliás não julgo interessante, no sentido etimológico do termo) argumentar a viabilidade única, ou sequer predominante, dos Estudos Comparatistas dentro dos Estudos Literários, nomeadamente porque, como espero deixar claro, tal contraria o que a meu ver caracteriza o posicionamento comparatista enquanto radicalmente plural e, por isso, con-vivente.

2. A minha segunda hipótese é então esta (e ela percorrerá, como fio, todo o meu texto): a Literatura Comparada surge actualmente como um dos domínios privilegiados, embora não único, em que as fronteiras entre disciplinas e discursos se tornam simultaneamente mais flexíveis e mais interessantes. Isto não equivale, a meu ver, a proclamar uma vez mais a tão repetida e já algo estafada interdisciplinaridade, nomeadamente porque há modos em meu entender estimulantes de praticar o diálogo entre disciplinas sem postular a dissolução das fronteiras entre elas, partindo pelo contrário daquilo que as distingue para pensar os modos pelos quais não são completamente separadas. Ou seja, há modos de pensar, não a dissolução das fronteiras disciplinares, mas a sua tersa flexibilidade, que julgo ocorrerem *prima facie* no terreno comparatista, em que tradicionalmente Filosofia, Sociologia, Antropologia, Direito, Artes do Espectáculo, História, Geografia e outros saberes disciplinarmente autónomos têm sabido constituir lugares de encontro e de diálogo científico com estimulantes consequências. Para o dizer de acordo com o que, aceito, poderão ser os meus ângulos perspectivísticos do momento, mas sobre os quais penso haver necessidade de reflectir: interessa-me hoje, mais

>>

do que situar-me no terreno em que a fronteira interdisciplinar utopicamente parece dissolver-se, situar-me no terreno em que sinto a fronteira do literário (que só posso entender como "fronteiras" pluralmente moventes do literário) tocada por outros domínios do pensamento em que o meu menor saber se torna, por isso mesmo, uma *maior* experiência de leitura e de iluminação recíproca. Hoje, a noção de fronteira interessa-me mais pela forma como vibra, mantendo-se, do que pela forma como poderia dissolver-se.

Ainda dentro desta hipótese, ocorre sublinhar o progressivo reconhecimento do campo da Literatura Comparada como lugar de cruzamento entre interesses simultaneamente mais tradicionais, dentro do território mais vasto dos Estudos Literários, e outros mais abertos a novas sensibilidades, novas metodologias, novos campos de pesquisa. A consciência do permanente estado de mobilidade dos Estudos Literários e dos domínios que lhe são conexos permite à Literatura Comparada constituir-se como um dos lugares privilegiados (mas repito não único) para receber e por seu turno amplificar as inflexões da investigação científica no quadro respectivo. Esta capacidade, a meu ver sintomaticamente comparatista, de captar as inflexões e frequentemente ansiedades reflexivas faz da Literatura Comparada um campo particularmente apto a manifestar e desenvolver um posicionamento crítico e auto-reflexivo, que não surpreende ver tomar uma forma de "crise". A crise comparatista, que em meados do século XX René Wellek enuncia, e que desde aí nunca mais deixou o campo da Literatura Comparada (porque a expulsão do paraíso é, como sabemos, sem retorno), essa crise é mais bem entendida como fazendo parte de tal posicionamento, mesmo em tempos em que outras disciplinas afins viviam aparentemente, com o triunfo de um certo estruturalismo, o auge da sua boa-consciência. Mas voltarei a esta atitude mais tarde, em hipótese que pretendo ainda desenvolver.

3. A terceira questão que pretendo levantar deriva direc-

tamente do que acabei de referir a propósito das fronteiras disciplinares e do cruzamento de interesses dentro do campo comparatista. Gostaria aqui de recorrer à reflexão de Karl Kroeber,<sup>3</sup> quando insiste na caracterização da memória como “aptidão” (*skill*, 150) e, justamente porque inexacta e não uma “resposta mecânica”, podendo articular-se com a “variabilidade” e potencialmente infinita diversidade dos objectos literários. Ora tal articulação sugere que o papel da memória (pessoal e cultural) poderá ver-se reconhecido como elemento renovadamente central no processo do conhecimento literário, na precisa medida em que é a dialéctica entre recordar e esquecer que está na base da contínua recategorização a que chamamos conhecimento. Vejo essa memória literária como, em definitivo, um processo cuja tomada de consciência poderá surgir, creio, como o momento de serena ultrapassagem de qualquer fantasma historicista – quer sob a sua versão programática quer sob a sua forma de pânico que qualquer retorno do reprimido também sabemos implica.

&gt;&gt;

Justamente porque o seu terreno vive da mobilidade das fronteiras, tanto como do reconhecimento do seu peso; da sua atenção ao que solicita o terreno da especulação sob o signo da novidade, tanto como da sua aptidão a reconhecer formas de permanência infinitamente mutáveis, a Literatura Comparada integra interrogações históricas sobre os textos, os seus modos de circulação, os processos de esquecimento de que são alvo, bem como dos resgates de que também são capazes. E essa interrogação histórica faz parte central do modo como a Literatura Comparada pensa o fenómeno literário enquanto integrando e reposicionando a memória literária e cultural. Esta “sistematicidade” da memória articula-se directamente, a meu ver, com a sua mesma *inexactidão*, e é directamente proporcional ao esquecimento activo que conhecemos sob tantas formas, a mais evidente das quais é a constante reconformação dos cânones. O que entretanto aqui me interessa sublinhar é o modo como a capacidade de “trazer do passado” para o presen-

te se ancora nos lapsos, nas inexactidões, no carácter precário e esburacado do tecido da memória: porque dentro do que o comparatismo faz, o que mais interessadamente é feito, a meu ver, é o que deriva deste *tecido precário da memória*, que está na base quer das relações estabelecidas, e elas podem ser surpreendentes, quer da argumentação aduzida para as sustentar, que reconfigura o velho no novo — muitas vezes a ponto de duvidarmos qual é qual.

56>57

4. A minha quarta hipótese retoma algo que várias vezes enunciei, mas acrescenta-lhe outro tanto. O que retomo é a convicção de que, se a Literatura Comparada tem uma metodologia, tem-na na medida em que ela sobretudo manifesta uma epistemologia — o que já argumentei várias vezes. O que agora gostaria de acrescentar é que a vejo sobretudo como uma *epistemologia negativa*, um pouco ao modo do que Keats entendia ser a *negative capability* — até porque, e desde logo, é possível defender que ao processo de conhecimento é tão intrínseco o “despojamento de informação” quanto a “aquisição” da mesma... Creio ser aliás a este mesmo sentido (isto é, ao sentido da valorização de tal despojamento) que Barthes<sup>4</sup> aludia, na sua *Leçon*, ao falar da *dezaprendizagem* e da forma como esta permitiria em última análise afinar a sabedoria:

Il est un âge où l'on enseigne ce que l'on sait; mais il en vient ensuite un autre où l'on enseigne ce que l'on ne sait pas: cela s'appelle *chercher*. Vient peut-être maintenant l'âge d'une autre expérience: celle de *désapprendre*, de laisser travailler le remaniement imprévisible que l'oubli impose à la sédimentation des savoirs, des cultures, des croyances que l'on a traversés. Cette expérience a, je crois, un nom illustre et démodé, que j'oserai prendre ici sans complexe, au carrefour même de son étymologie: *Sapientia*: nul pouvoir, un peu de savoir, un peu de sagesse, et le plus de saveur possible.” (Barthes, 1978: 45-6)

A lição que quero aqui retirar da *Lição* de Barthes é a de que ele nos ensina que começamos sempre pelo fim — começa-

mos por saber, e só pouco a pouco, e mais uma vez se formos felizes, aprendemos a desaprender. Esta experiência da desaprendizagem, a que atrás chamei despojamento, tem directamente a ver com o que formulei como epistemologia negativa, e é precisamente isso que quereirei de seguida argumentar.

Entendo que a epistemologia comparatista é negativa porque ela se ocupa predominantemente em encontrar (isto é, construir) uma posição dentro dos Estudos Literários que *não parta necessariamente* de um entendimento prévio das línguas, das nações ou das matérias disciplinares como irremediavelmente afectadas por fronteiras que substancialmente as separam; isto é uma forma diferente de reconfirmar o que atrás caracterizei como fronteira vibrátil – se quisermos, metaforicamente, membrana.

Porque não parte desse entendimento, também a ele não chega: e é por isso que a noção de transdisciplinaridade se lhe torna preferível à de interdisciplinaridade, tal como a de supranacionalidade é preferível, como há anos argumentou Guillén, à de internacionalidade. Não custará entretanto lembrar que isto não significa, antes pelo contrário, que as noções de disciplina ou de literatura nacional se tornam inoperantes no quadro comparatista: significa, antes, que estas como outras noções se tornam acima de tudo conceitos operatórios, capazes de estimular reconfigurações que aceitam ser tanto de desaprendizagem como antes surgiam enquanto garantes de uma aprendizagem certa (e certificada).

Epistemologia negativa porque ela não é separável daquilo a que chamarei multiplicidade perspectivística, que implica o reconhecimento de uma pluralidade (entretanto não infinitamente aberta) de planos e posições teórico-críticas. Em que é que isto é negativo? No sereno e ao mesmo tempo fundadora-mente perturbador reconhecimento de que qualquer forma de unicidade é, não só impossível, mas na verdade mais fundamentalmente indesejável. Negar essa unicidade perspectivística permite à Literatura Comparada reconhecer as múltiplas dobras

>>

possíveis, e utopicamente sempre em aberto, para que nelas o olhar teórico-crítico se envolva de modo a sobre elas poder pensar (e é também justamente por isto que “a” metodologia comparatista não existe independentemente do posicionamento epistemológico de que decorre).

Nega-se por isso qualquer forma de automatismo na relação entre o objecto textual e o sujeito que com ele se relaciona. E, nessa medida também, nega-se que possamos prescindir da noção de operação quando pensamos nos modos por que sujeito e texto entram em contacto e se revisitam. Isto significa que entrar em domínio comparatista tem de implicar aceitar que essa operação é incessantemente repetida *como pergunta e como resposta*: ou seja, que de cada vez que o sujeito crítico tem de colocar a sua posição como pergunta epistemológica, para lhe encontrar uma resposta, isso apenas significa que a pergunta há-de voltar a ser reformulada, pensada e de novo respondida. Esta inquietação epistemológica distingue, a meu ver, o trabalho que tecnicamente “parece ser” comparatista (porque é, por exemplo, inter-linguístico e inter-nacional) daquele que verdadeira e substancialmente o é. Sem essa constante *perturbação*, que é *negação do automatismo teórico-crítico*, não estamos nunca, na realidade, em domínio comparatista – por muito que por lá julguemos andar. Vejo na Literatura Comparada acima de tudo o batimento do problema, contra o achamento da resposta.

5. Para a minha quinta hipótese tomo a proposta que Manuel Gusmão<sup>5</sup> faz do conjunto de significações do termo texto:

A palavra “texto” tem vindo a ser a “metáfora” (espacial e têxtil) e o “conceito” que designam um artefacto verbal (e transverbal), um objecto transaccional ou comunicacional; um espaço, uma rede ou uma tessitura onde o sentido se pluraliza; a partitura de uma polifonia; um acontecimento ou o “lugar” e “os tempos” de um encontro de horizontes. (Gusmão, 2003: 236)

Com base, pois, nesta proposta, eu tonderei a dizer que a perspectiva comparatista se funda precisamente sobre a noção de polifonia para a qual o texto surge como uma partitura, regência de algo móvel que subitamente se agita; e que por isso mesmo não pode prescindir do texto literário como experiência e como "acontecimento": "o 'lugar' e 'os tempos' de um encontro de horizontes". Tal acontece porque do comparatismo não me é possível rasurar a dimensão textual que em outro lugar<sup>6</sup> argumentei como central para o seu próprio posicionamento disciplinar. Mas, e porque se trata de argumento que a meus olhos não perdeu (e talvez tenha mesmo ganho) validade, gostaria de a ele regressar.

>>

Do modo como o entendo, o comparatismo coloca-se na fronteira "trifase" que se abre entre a questionação teórica, o universo textualmente plural e ainda a dimensão irrepitível (entretanto sempre repetida enquanto experiência) do fenómeno literário. Se o lugar de onde o comparatismo parte é a questão, o olhar com que interroga, esse *tertium quid* sem o qual nenhum par se dinamiza e movimenta; por outro lado a perspectiva comparatista recentra-se no reconhecimento da centralidade da dimensão textual para a delimitação do seu campo disciplinar. Isto significa, para usar uma terminologia já sedimentada, que a dimensão crítica do comparatismo me parece sem dúvida ser bem mais do que uma convergência aleatória de acasos históricos — julgo-a, efectivamente, uma operação que define e afecta, no sentido mais fundo do termo, a questionação teórica prosseguida.

Mas a perspectiva comparatista tem do acto crítico um entendimento também ele a meu ver específico, porque incapaz de se esgotar na relação dual entre problema e "texto único". Pelo contrário, a irredutibilidade do fenómeno textual enquanto justamente fenómeno é jogada, adentro do horizonte comparatista, com a consciência mais ou menos explícita da infinita pluralidade dos textos, dos seus lugares e tempos: não apenas como horizonte plural com o qual se entrechoca a sin-

gularidade espessa de cada texto, em diálogo, conflito, canibalização ou conversa; mas também porque do olhar comparatista decorre a consciência, tornada pré-juízo, de que só *contra* e *com* essa tela de fundo de ruídos e murmúrios infinitos de “outros textos” (conhecidos ou até quase-não) pode o texto singular emergir.

6. A minha sexta hipótese diz que o impulso comparatista (que não devemos confundir com a construção do objecto comparatista, embora naturalmente lhe subjaza) responde assim a este murmúrio infinito criado entre textos, a que Luhmann<sup>7</sup> propõe chamar “redescrição”, considerando-a como forma pregnante do trabalho do tempo:

60>61

Ce que les chercheurs en littérature nomment “intertextualité” (...) n’est rien d’autre que le résultat de redescrptions constantes imposées par le temps. Ce qui était énoncé sérieusement est désormais traité sur le mode parodique ou ironique. Ce qui était la norme est traité de sorte qu’on puisse à peine le reconnaître. Ce qui faisait office de principe formel nécessaire sinon naturel (comme la tonalité dans la musique) est perçu comme une limitation artificielle donc contingente, qu’on pourrait dépasser sans perdre la possibilité même de produire des oeuvres d’art qui s’auto-limitent. Par là même on oublie ce qu’il en était lorsqu’on considérait encore toutes ces conditions formelles comme nécessaires (de la même façon qu’on a oublié l’époque où l’on ne savait pas encore marcher et qu’on devait l’apprendre). (Luhmann, 2001: 30)

De novo ecoam aqui observações anteriores sobre a centralidade do esquecimento para uma eficaz (e transformadora) redescrição histórica, e por isso para o estabelecimento da memória como o conjunto de procedimentos pelos quais integramos certas coisas na nossa descrição do mundo *ao mesmo tempo* que dessa descrição excluimos outras coisas. Porque estes procedimentos são sempre provisórios, o conceito de *revisão* é também ele sempre central – e também ele sempre... provisório. E quer naquilo que esquecemos quer naquilo que

retemos se torna activamente transparente o peso da nossa aptidão relacional, base da experiência comparatista. Isto significa ainda que a Literatura Comparada nos permite também ocupar um lugar privilegiado para tomar consciência do rumor histórico da memória literária, nas infinitas redescrições (e por isso refeições) que permite da nossa relação com os passados e os futuros daquilo a que hoje chamamos literatura.

Não que a Literatura Comparada faça, nisto, trabalho substancialmente distinto de outras posições dentro do campo mais vasto dos Estudos Literários – mas do meu ponto de vista, e porque *parte* desse murmúrio que é “redescrição” (e ainda consciência dela, acrescentaria eu), o olhar comparatista dificilmente pode prescindir dessa particular “reentrada [*re-entry*] do tempo no tempo” (Luhmann, 2001: 31) a que a oscilação entre texto e textos nos convida.

George Steiner<sup>8</sup>, ao oferecer em 1994 um mapa do que entendia poder ser a Literatura Comparada, insistia também no acto de ler como lugar de fundação do comparatismo, ao mesmo tempo que fazia radicar esse acto de leitura (ou seja, o acto hermenêutico) na consciência de uma pluralidade infinita que se trata de abrigar e acolher no discurso crítico:

Considero que a literatura comparada é, quando muito, uma arte da leitura exacta e exigente, um modo de escutar actos de linguagem orais e escritos que privilegiam determinadas componentes desses actos. Essas componentes não são negligenciadas em nenhum método de estudo da literatura, mas, na literatura comparada, são privilegiadas. (Steiger, 1996: 157)

Aproveito ainda uma outra imagem que acolho de Steiner, que por seu turno acolhe de Kierkegaard: se, no dizer de Steiner, uma língua verdadeiramente morta “encerra aquilo que Kierkegaard nos convidou a deixarmos em aberto se a humanidade quisesse evoluir: ‘as feridas da possibilidade’” (Steiger, 1996: 158), o que creio poderemos sem receio dizer da

Literatura Comparada é que ela nasce da suspeita (e da esperança!) de que essas “feridas da possibilidade” as podemos continuar a abrir, reservando-nos a inquietação que vem de sabermos que não é apenas o futuro que está prenhe de possíveis, mas também o presente e o passado. Aqui, sim, arriscaria dizer: se algum traço distingue um trabalho formalmente “comparante” de um outro que responde a (e por isso se alimenta de) esta inquietação (cuja natureza por vezes perturbadora e mesmo dilemática também somos levados a contemplar), tal traço é a incorporação de algumas das “feridas da possibilidade” no modo como lemos textos com textos, textos *contra* textos. No modo como as suas rugosidades nunca “encaixam” completamente, e *sobra* sempre, desse jogo, algo que nos faz voltar a eles e que também permite, ao convidar, que outros a eles possam regressar. <<

## NOTAS

---

[1] Hans Ulrich Gumbrecht, "Dysphoria: how (some) scholars feel about literary studies", in Hans Ulrich Gumbrecht and Walter Moser (eds.) (2001), *The Future of Literary Studies? – Canadian Review of Comparative Literature*, 26 (3-4), pp. 12-22.

[2] Helena Carvalhão Buescu, "Perda do estatuto do literário? Que estatuto? E de quem?", in *Livro de Homenagem a Vítor Manuel Aguiar e Silva*, Universidade do Minho, no prelo.

[3] Karl Kroeber (1994), *Ecological Literary Criticism*, Columbia U.P., New York.

[4] Roland Barthes (1978), *Leçon*, Paris, Ed. Seuil.

[5] Manuel Gusmão (2003), "O Texto da Filosofia e a Experiência Literária", in *Scripta*, 6(12), pp. 235-57.

[6] Helena Carvalhão Buescu (2001), *Grande Angular. Comparatismo e Práticas de Comparação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. >>

[7] Niklas Luhmann, "La littérature comme réalité fictionnelle", in Hans Ulrich Gumbrecht and Walter Moser (eds.) (2001), *The Future of Literary Studies? – Canadian Review of Comparative Literature*, 26 (3-4), pp. 23-35.

[8] George Steiner (1996), "O que é a Literatura Comparada?", in *Paixão Intacta*, Lisboa, Antropos, pp. 150-66.

---

## BIBLIOGRAFIA √

Barthes, Roland (1978), *Leçon*, Paris, Ed. Seuil.

Buescu, Helena Carvalhão (2001), *Grande Angular. Comparatismo e Práticas de Comparação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

-- "Perda do estatuto do literário? Que estatuto? E de quem?", in *Livro de Homenagem a Vítor Manuel Aguiar e Silva*, Universidade do Minho (no prelo).

Gumbrecht, Hans Ulrich (2001), "Dysphoria: how (some) scholars feel about literary studies", in Hans Ulrich Gumbrecht and Walter Moser (eds.), *The Future of Literary Studies? – Canadian Review of Comparative Literature*, 26 (3-4), pp. 12-22.

64>65

Gusmão, Manuel (2003), "O Texto da Filosofia e a Experiência Literária", in *Scripta*, 6(12), pp. 235-57.

Kroeber, Karl (1994), *Ecological Literary Criticism*, Columbia U.P., New York.

Niklas Luhmann, "La littérature comme réalité fictionnelle", in Hans Ulrich Gumbrecht and Walter Moser (eds.) (2001), *The Future of Literary Studies? – Canadian Review of Comparative Literature*, 26 (3-4), pp. 23-35.

Steiner, George (1996), "O que é a Literatura Comparada?", in *Paixão Intacta*, Lisboa, Antropos, pp. 150-66.